



A Cidade como Corpo Em Palavra: Fragmentos Do Agreste

*The City as a Body in Words:
Fragments from the Agreste*

Itallo de Santana^a 

Resumo O artigo analisa cartas escritas por jovens do Agreste pernambucano como ferramenta metodológica e política de leitura das cidades onde vivem. A partir da atuação da LiACA – Liga Acadêmica de Estudos e Pesquisas Multidisciplinares das Cidades do Agreste¹ – propõe-se uma abordagem qualitativa e afetiva da realidade urbana, a partir de metodologias como a cartografia afetiva e a escrita epistolar. As cartas revelam desigualdades, memórias, apagamentos e desejos, configurando uma contra-cartografia sensível das cidades. O objetivo é compreender como a escrita pode funcionar como forma de resistência e planejamento urbano insurgente. Os resultados demonstram que os jovens, ao nomearem suas cidades por meio da palavra, também se reconhecem como sujeitos urbanos, capazes de produzir conhecimento e reivindicar pertencimento. Conclui-se que a escrita é aqui um gesto de fundação do coletivo acadêmico por afetos, corpos e narrativas, desafiando a visão metodológica técnica-instrumental do planejamento urbano tradicional.

Palavras-chave Cartografia afetiva. Juventude. Cidade vivida. Escrita epistolar. Urbanismo insurgente.

Abstract *This article analyzes letters written by young people from the Agreste region of Pernambuco as a methodological and political tool to interpret the cities they inhabit. Through the work of LiACA – the Academic League for Multidisciplinary Studies and Research on Agreste Cities – the study adopts a qualitative and affective approach to urban reality, drawing on methodologies such as affective cartography and epistolary*

-
- a Doutorando em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco - PPGDU/UFPE. Coordenador da Liga Acadêmica de Estudos e Pesquisas Multidisciplinares das Cidades do Agreste - LiACA/UNINASSAU/CAU. Professor locado nos Cursos de Direito, Psicologia e de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário Maurício de Nassau - UNINASSAU/CAU. Professor nos Cursos de Direito na Faculdade Nova Roma - FNR/CAU e na Autarquia de Ensino Superior de Garanhuns - AESGA/FACIGA. E-mail: illomdesantana@gmail.com
- 1 Coordenado pelo autor e pela professora Me. Caroline Barreto, e contribuíram com cartas e desenhos os integrantes: Alanna Lira, Arthur Pereira, BeatrizMelo, Clara Letícia, Daniel Queiroz, Felipe Almeida, Gabriela Simões, Iago Lins, Ires Tainá, Jeovanes Guimarães, Kallyne Silva, Luiz Felipe, Luan Rafael, Marina Gouveia, Missleny Fianco, Pedro Henrique, Thiago Alexandre, Wellyda Macedo.

writing. The letters reveal urban inequalities, silenced memories, erasures, and desires, constituting a sensitive counter-cartography of the territory. The objective is to understand how writing can act as both a form of resistance and a strategy for insurgent urban planning. The findings show that, by naming their cities through personal narratives, the youth also assert themselves as urban subjects capable of producing knowledge and claiming belonging. It concludes that writing here becomes a gesture of academic foundation through affection, embodied experience, and narrative, challenging the technical-instrumental logic of traditional urban planning.

Keywords *Affective cartography. Youth. Lived city. Epistolary writing. Insurgent urbanism.*

1. ABRO: FLORES NAS CALÇADAS RACHADAS

“Na minha cidade, o esgoto corre a céu aberto por entre as vielas de terra batida. Mas ainda há quem plante flores nas calçadas rachadas.”

Abrir. Contar. Escrever. Fechar. Quatro verbos que desenham os movimentos deste texto. Dividido em quatro partes, ele convida o leitor a percorrer as cidades escritas por jovens do Agreste pernambucano, um território onde ausências e afetos são narradas como uma força de contradições que se encontram vivas. Aqui, cidades crescem sem se reconhecerem; exportam riquezas sem acolherem seus próprios filhos. Entre asfaltos irregulares, calçadas desfeitas e ausências estruturais, pulsa uma juventude que insiste em escrever suas cidades – não com distanciamento técnico, mas com os pés no chão e o afeto nas palavras.

Região caracterizada por um rico tecido social, cultural e histórico, abriga cidades como Caruaru, Belo Jardim e São Bento do Una. Em razão da proposta afetiva desse artigo, não haverá caracterização espacial, urbana ou regional, convidando o leitor curioso a percorrer, como uma rua que se descobre, pesquisa própria sobre as cidades aqui mencionadas. Esses municípios, embora distintos em suas especificidades, compartilham desafios urbanos e sociais que refletem as complexidades do desenvolvimento regional. Nesse contexto, a escrita emerge como uma ferramenta poderosa para a preservação da memória e para a construção de identidades coletivas, permitindo que os habitantes dessas cidades articulem suas experiências e aspirações.

Foi nesse território que nasceu a LiACA – Liga Acadêmica de Estudos e Pesquisas Multidisciplinares das Cidades do Agreste, como espaço de pensamento e pertencimento. A liga reúne jovens de diferentes áreas que decidiram escrever

cartas para suas cidades – um gesto inaugural, político e poético, que acabou se transformando em oportunidade criativa para os desenhos, que ilustram esse artigo. Escrevem para nomear o que foi esquecido e revelar o que nunca foi cartografado. Diante da necessidade de criar espaços de reflexão e ação sobre as questões urbanas do Agreste, a LiACA passa a ser espaço de debate das dinâmicas urbanas e regionais. As diversas linhas e suas abordagens são centrais nas atividades da liga, permitindo uma compreensão aprofundada dos fenômenos sociais e urbanos por meio das diversas técnicas sugeridas sempre pelo objeto e criatividade inquieta. Tudo para tentar captar as nuances das experiências humanas no território.

A escrita sobre a memória urbana desempenha um papel crucial na compreensão e valorização das experiências cotidianas dos cidadãos. Ao documentar narrativas pessoais e coletivas, é possível revelar camadas ocultas da história das cidades, contribuindo para uma visão mais holística das transformações sociais e espaciais. Aqui, a memória da cidade pode servir como recurso didático na compreensão de conceitos geográficos ao conectar vivências pessoais com o ambiente urbano (ALMEIDA, 2017).

Neste artigo, termos como *memórias*, *desejos* e *afetos* não são tratados como categorias ilustrativas ou experiências subjetivas isoladas, mas como operadores conceituais que estruturam a leitura da cidade. A memória é aqui entendida como prática social coletiva (HALBWACHS, 1990), capaz de fundar espacialidades e identidades que se sobrepõem à linearidade histórica e aos marcos oficiais do urbano. Como aponta Bacelar (2020), a memória coletiva não se opõe à individual, mas se constitui com ela numa relação de tensão e atravessamento: “a memória coletiva não elimina a individualidade, mas a envolve, orienta e seleciona as experiências que serão partilhadas, esquecidas ou silenciadas” (BACELAR, 2020, p. 18).

É nesse entrelaçamento entre vivências pessoais e experiências comuns que se formam as narrativas das cartas apresentadas neste trabalho. Elas não são apenas recordações, mas formas de intervenção no espaço simbólico da cidade. A memória que emerge das cartas atravessa os sujeitos e os territórios, revelando não apenas os esquecimentos e silenciamentos do urbano, mas também as resistências que se desenham a partir do afeto e da linguagem.

O desejo, por sua vez, é convocado na esteira de Deleuze e Guattari (1995) como força de criação de mundo, e não como carência. Não se deseja o que falta, mas o que se quer fazer existir. As juventudes aqui retratadas desejam ruas caminháveis, praças vivas, casas seguras — e esse desejo já é ação.

A escrita sobre as cidades do Agreste assim, não apenas preserva a memória urbana, mas também promove uma reflexão crítica sobre o presente e inspira

transformações futuras pelo entendimento da juventude que compõe o coletivo. Ao documentar e analisar as experiências urbanas locais, essas ações fortalecem a identidade regional e incentivam a construção de cidades mais inclusivas e conscientes de sua história e potencial (BATTISTELLI e OLIVEIRA, 2021). Por potencial e identidade a Casa Museu Mestre Vitalino surge como ilustração da casa-cidade nas paisagens narrativas desses jovens de um passado-presente.

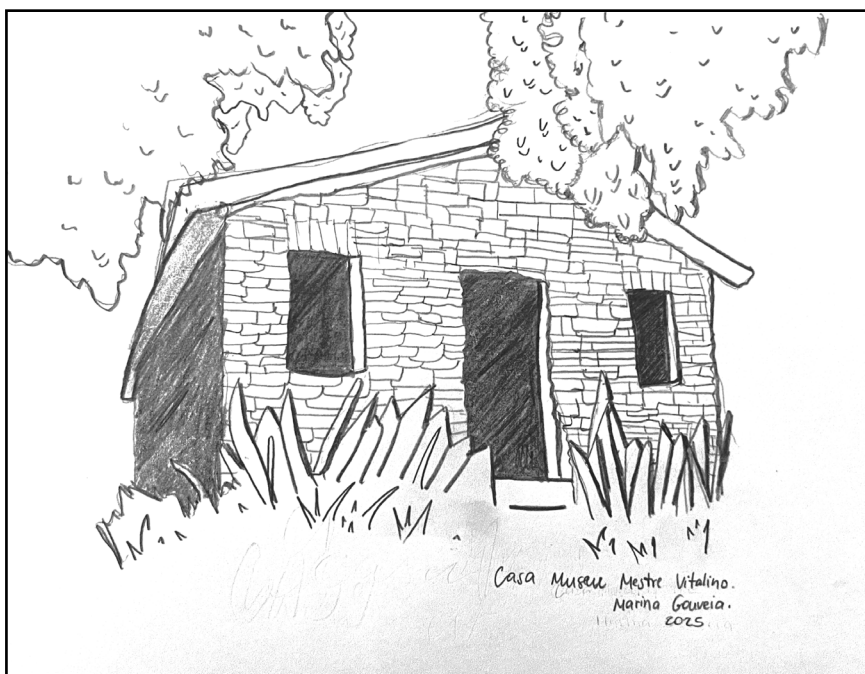


Imagem 01. Casa Museu Mestre Vitalino – Caruaru/PE. Autoria: Marina Gouveia

Para o contexto pedagógico, essa prática se revela particularmente significativa ao permitir que os jovens narrem suas cidades a partir de perspectivas pessoais e afetivas. Aqui a juventude não é pensada como categoria natural ou geracional, mas como construção social situada, capaz de produzir sentido, cultura e reivindicação urbana. A juventude deve ser compreendida como uma construção social, situada historicamente, atravessada por desigualdades e potências culturais que se manifestam nas cidades e em seus territórios (BORTOLANZA et al., 2024; SOUZA, 2004)

Dito isto, a carta, enquanto gênero textual, possui uma longa tradição como meio de comunicação íntima e subjetiva. Moraes e Castro (2018) discutem a importância de gêneros textuais como poemas, cartas e diários na produção de conhecimentos pedagógicos, enfatizando a necessidade de uma escrita acadêmica que vá além das normatizações científicas, sem perder o rigor e a sistematização.

Eles argumentam que tais formas de escrita permitem uma expressão mais autêntica e estética das experiências humanas.

No âmbito da pesquisa qualitativa, a “metodologia das cartas” tem sido empregada como uma técnica inovadora para capturar os fluxos urbanos e as experiências de jovens em seus territórios. Oliveira e Lacerda (2020) descrevem essa abordagem como uma forma de compreender os espaços urbanos a partir das narrativas pessoais dos jovens, que escrevem cartas destinadas a visitantes hipotéticos, apresentando-lhes suas cidades e os lugares que consideram significativos. Essa técnica não apenas revela as percepções individuais sobre o ambiente urbano, mas também evidencia as relações afetivas e sociais que os jovens estabelecem com esses espaços.

Ao escreverem sobre suas cidades, os jovens não apenas documentam suas realidades, mas também exercem um ato de criação artística e política. É essa escrita epistolar, segundo Battistelli e Oliveira (2021), que permite que se expressem suas memórias, desejos e críticas, configurando uma cartografia afetiva que desafia as representações hegemônicas dos espaços urbanos. Essa prática ressoa com a ideia de que a escrita de cartas pode funcionar como um “exercício de cumplicidade subversiva”, onde a subjetividade e a intimidade se tornam ferramentas de resistência e transformação social, algo que foi experimentado e sentido pelos coordenadores, que ao lerem as cartas, eram transportados e conscientizados das diversas escalas em que os padrões recorrentes da produção capitalista do espaço materializam suas formas de “ordenar” o “desenvolvimento urbano”.

Nesse sentido, ao tomarmos a cidade não como um simples objeto físico ou produto técnico, mas como espaço vivido, socialmente construído e profundamente atravessado por relações de poder, seguimos a concepção de Lefebvre (2011), para quem a cidade é obra coletiva e campo de disputas simbólicas e materiais. Harvey (2015), por sua vez, reforça essa compreensão ao destacar que o direito à cidade não se limita ao acesso aos bens urbanos, mas ao poder de moldar e decidir sobre a própria produção do espaço. As cartas escritas pelos jovens ressoam essas ideias ao revelarem os modos como percebem e experienciam a cidade para além do visível, ativando o desejo por uma transformação que emerge do cotidiano e da linguagem.

É nessa direção que a escrita epistolar se conecta com as leituras iniciais da obra *Mudar a cidade*, de Marcelo Lopes de Souza (2010), onde se compreende o planejamento urbano e o desenvolvimento como construções políticas e conflitivas, historicamente situadas. Assim, as cartas tornam-se dispositivos de leitura crítica do espaço, nas quais o afeto, ao ser escrito, transborda em sentimento vivo que convoca o leitor a se implicar como sujeito solidário da experiência narrada. Ainda,

as cartas tinham o poder de tornar o afeto escrito como sentimento vivo que toma o leitor ao colocar como sujeito solidário da experiência narrada. Despeja-se o barro criativo da palavra.



Imagem 02. Cidade de Barro. Autoria: Kallyne Silva.

Foi com essa proposta, que a adoção da escrita de cartas como método de expressão artística, política e urbana, entre os jovens do Agreste, foi empreendida como tarefa inaugural das atividades da Liga Acadêmica para abertura das discussões, estudos e pesquisas de 2025, enriquecendo a compreensão das dinâmicas urbanas locais, e fortalecendo a voz desses jovens na construção e reivindicação de seus espaços. Ao narrar suas cidades por meio de cartas, eles tecem uma rede de significados que reflete suas experiências, aspirações e lutas. O artigo demonstra a narrativa artística-política desses jovens apaixonados e inquietos com as suas Cidades do Agreste, que para além da escrita, narraram em desenhos, suas percepções.

2. CONTO: A CIDADE QUE ATRAVESSA O CORPO

“Santa Cruz do Capibaribe é uma cidade que produz muito, mas parece não saber o que é viver com dignidade.”

A relação entre o corpo e a cidade é intrínseca e complexa. Para os jovens do coletivo, a cidade não é apenas um conceito abstrato, mas uma entidade viva que protege, fere, molda e pulsa em consonância com suas experiências diárias. Para alguns, a infância marcada pela falta de escolas adequadas, a privação de espaços de lazer e a travessia perigosa até o ponto de ônibus são manifestações de um espaço

urbano que não se limita às representações tradicionais. As cartas escritas por esses jovens desvelam cidades que clamam silenciosamente por reconhecimento e transformação.

Essa perspectiva encontra eco no conceito de “pesquisa-experiência” discutido por Hüning e Gomes (2019), que enfatizam a importância de percorrer os territórios urbanos para compreender as experiências produzidas pelos corpos e afetos de quem os habita. Eles argumentam que “o caminhar pelos territórios urbanos como alternativa metodológica nos conduz a argumentar que nossos corpos compõem o processo de pesquisa, tornando possíveis e ordenando a construção do conhecimento”. Assim, a vivência corporal na cidade torna-se fundamental para a produção de narrativas autênticas sobre o espaço urbano, e essa vivência, quando posta em atenção, se traduz em escrito a partir do acesso às vivências pela memória.

Além disso, a relação entre corpo e cidade é explorada por Freitas (2011) em sua dissertação “Para uma cidade habitar um corpo”, na qual propõe o uso do espaço urbano como elemento formador do artista cênico. Ele sugere que a interação direta com a cidade permite uma compreensão mais profunda de suas dinâmicas e potencializa a expressão artística. Essa abordagem ressalta a cidade como um espaço performativo, onde as experiências corporais contribuem para a construção de significados e memórias coletivas.

Ao escrever sobre suas cidades, os jovens da LiACA não apenas documentam suas realidades, mas também as ressignificam. Eles transformam suas vivências em narrativas que desafiam as representações hegemônicas e promovem uma compreensão mais inclusiva e sensível do espaço urbano. Essa prática reflete a ideia de que “a cidade, para esses jovens, não é objeto de estudo: é matéria viva, memória que rasga, presença que permanece”. Ao desenhar ou escrever as memórias e impressões que carregam, eles reivindicam seu direito à cidade e criativamente participam da construção de um futuro mais justo e equitativo (Freitas, 2011).

A cidade não é um lugar apartado de si. Conforme as cartas são lidas, percebe-se que suas cidades habitam seus corpos, moldam seus percursos e se inscrevem em suas reflexões mais íntimas. Cada rua sem calçamento, cada ponto de ônibus distante, cada praça esquecida torna-se uma “cicatriz” viva – não apenas no tecido urbano, mas nas subjetividades que o habitam.

Ao compreenderem a cidade como corpo, esses jovens recusam uma visão distanciada ou meramente técnica do espaço urbano. Em vez disso, constroem narrativas onde a experiência sensível, o afeto e a dor se tornam linguagem legítima para pensar e transformar o lugar em que vivem. Como apontam Hüning

e Gomes (2019), é no corpo que a cidade se faz e se conhece: caminhar, viver e escrever tornam-se atos de pesquisa, de arte e de (re)existência.

É nesse espírito que se apresentam os trechos e desenhos de suas cartas, onde a escrita emerge como gesto inaugural de pertencimento, insurgência e inspiração. Cada carta é uma fresta por onde vemos a cidade não como está, mas como é sentida. Fragmentos que, juntos, desenharam um novo mapa – não o da técnica, mas o da memória e do desejo, em categorias que foram possíveis de ser apreendidas e reunidas em blocos. É o momento em que os jovens escrevem suas cidades. E, ao escrevê-las, se inscrevem nelas como atores políticos que não só pensam, mas sentem o planejamento urbano.

3. ESCREVO: ESCREVER PARA TRANSFORMAR

“Caruaru está sendo planejada para não nos conter.”

A escrita é comunicação e linguagem, e possui um potencial transformador significativo sempre que utilizada como ferramenta de expressão e reflexão, neste texto, sobre o espaço urbano. No contexto das cidades do Agreste pernambucano, os jovens que escrevem essas cartas narraram suas experiências e percepções sobre o ambiente em que vivem, buscando não apenas documentar realidades, mas também cobrar por mudanças sociais e urbanas.

Como forma de intervenção social, a escrita está alinhada com o conceito de letramento crítico, que enfatiza a leitura e a escrita como práticas sociais capazes de questionar estruturas de poder e promover a emancipação dos sujeitos. Segundo Freire (1989), a leitura crítica da realidade, associada à alfabetização, pode constituir-se em um instrumento para a ação contra-hegemônica. Nesse sentido, as cartas dos jovens da LiACA representam não apenas relatos pessoais, mas também atos políticos que desafiam narrativas únicas ou hegemônicas sobre suas cidades, demonstrando, na verdade, a pluralidade das realidades dessas cidades, médias e pequenas.

Além disso, a metodologia adotada valorizou as subjetividades e os afetos dos indivíduos em relação ao espaço. Essa abordagem foi fundamental para captar as nuances das vivências urbanas que, muitas vezes, escapam às análises tradicionais nos projetos de Iniciação Científica ou Trabalhos de Conclusão de Curso que, em regra, visa fomentar a percepção e aprimoramento técnico de suas áreas de formação. Oliveira (2011) destaca que a construção do caminho metodológico nas pesquisas urbanas deve considerar os sujeitos sociais que compõem a pesquisa,

ressaltando a importância das identidades e experiências individuais na compreensão dos fenômenos urbanos.

Ao escreverem sobre suas cidades, os jovens da LiACA construíram uma “geografia afetiva” que seguirá de guia para os debates do ano, mapeando os espaços urbanos a partir de suas relações emocionais e simbólicas com o ambiente narrado. Essa perspectiva está em consonância com os estudos de Moraes e Castro (2018), que exploram que a abertura para poemas, cartas e diários, para além dos métodos tradicionais, pode otimizar o rigor científico com expressões estéticas. Essa dimensão afetiva na experiência urbana, ressaltam como as emoções e a afetividade são incorporadas e localizadas no contexto da vida cotidiana desses alunos (Mares, 2017).

A iniciativa da LiACA é inspirada e dialoga com as contribuições dos movimentos artísticos e sociais que utilizam a arte como forma de percepção, intervenção e transformação urbana e social. Muitos são os projetos que exemplificam como a expressão artística pode ser empregada para dar visibilidade a questões sociais e promover mudanças nos ambientes (Mares, 2017). Essas ações evidenciam o potencial da arte e da escrita como ferramentas de empoderamento e ressignificação dos espaços urbanos.

Portanto, as cartas escritas não são apenas registros de experiências individuais, mas constituem um corpus significativo de narrativas que revelam as complexidades e contradições das cidades do Agreste pernambucano. Ao articularem suas vozes e perspectivas, esses jovens contribuem para a construção de um discurso coletivo que busca transformar e ressignificar o espaço urbano em que vivem, em especial as Cidades do Agreste.

3.1 CATEGORIAS QUALITATIVAS EMERGENTES

“Quando falo de Ribeirão, falo de um lugar que não tem praça, mas que tem esquina. Uma esquina onde a cidade respira.”

A análise das cartas revela um mosaico de experiências e percepções que desvelam as complexidades do viver urbano no Agreste pernambucano. Essas narrativas, ao emergirem do cotidiano, permitem a identificação de categorias qualitativas que articulam (a) sentimentos, (b) denúncias e (c) aspirações. A metodologia de análise qualitativa, conforme discutido por Rodrigues (2005), possibilita a apreensão das relações entre práticas sociais e os significados atribuídos pelos sujeitos, destacando a importância de compreender as vivências individuais no contexto urbano.

Oliveira (2020) apresenta a “metodologia de cartas” como uma técnica de coleta de dados que analisa o conteúdo das cartas escritas por jovens para um visitante hipotético em sua cidade, revelando seus locais de interesse e itinerários. Essa abordagem destaca a subjetividade e a intimidade dos autores, permitindo uma compreensão profunda de suas relações com o espaço urbano.

Ao nomear ausências e desigualdades, esses jovens devolvem humanidade aos vazios urbanos. Transformam o trauma em trama, a dor em dado, o cotidiano em argumento. Cada carta é uma insurgência, uma recusa à invisibilidade, um convite à cidade: “Olhe para nós. Estamos aqui” (Oliveira, 2020).

A leitura dessas cartas revelaram um conjunto de camadas afetivas, denúncias urbanas e vivências corporais do território que permitem estabelecer categorias qualitativas transversais. Essas categorias emergentes que foram destacadas como traços comuns em cidades e sujeitos distintos são articuladas a citações representativas, evidenciando a riqueza e a profundidade das experiências compartilhadas pelos jovens do coletivo.

3.2 GEOGRAFIAS INVENTADAS PELO AFETO

“A gente aprendeu a conviver com o esgoto. Ele virou parte do caminho. Mas o que não virou parte foi o abandono.”

As narrativas dos jovens revelam uma cartografia afetiva das suas cidades do interior de Pernambuco, onde a ausência de infraestrutura é preenchida por laços comunitários e resistência cultural. A falta de espaços públicos formais, como praças, é compensada por encontros em esquinas que se tornam pontos de convivência e expressão coletiva. Essa dinâmica reflete o conceito de “cartografia afetiva”, que busca mapear as relações emocionais e subjetivas dos indivíduos com o espaço urbano, indo além das representações físicas e formais da cidade, conforme aborda Silva, Diniz e Duarte (2021).

A convivência diária com problemas como esgoto a céu aberto e infraestrutura precária é ressignificada pelos moradores, que desenvolvem formas criativas de adaptação e resistência. Essa realidade dialoga com a ideia de que a experiência sensível dos espaços urbanos pode ser transformadora, permitindo que os indivíduos reivindiquem a cidade como um espaço para a arte e a expressão (Silva, Diniz e Duarte, 2021).

Ao expressarem suas experiências por meio da escrita, esses jovens denunciam as deficiências urbanas e constroem novas geografias emocionais e sociais. Eles

desafiam as abordagens tradicionais do planejamento urbano ao se voltarem as dimensões subjetivas e afetivas da vida urbana. Essa perspectiva é apoiada por estudos que enfatizam a importância de considerar as emoções e percepções dos habitantes na análise e transformação dos espaços urbanos (Jaques, 2019).

Assim, as cartas também são manifestações de uma inteligência urbana que emerge do afeto e da experiência cotidiana (Rodrigues, 2005; Jaques, 2019; Silva, Diniz e Duarte, 2021). Elas evidenciam que, mesmo em contextos de escassez material, há uma riqueza de significados e conexões que moldam a vivência urbana e que merecem ser reconhecidas e valorizadas.

3.3 A CIDADE COMO CORPO EM PALAVRA (POR CIDADES)

Nesta seção, ganham forma os fragmentos urbanos inscritos nas cartas dos jovens da LiACA, revelando espaços que não constam em mapas oficiais. As cidades são descritas como corpos — atravessados, esquecidos, mas também vivos e sonhadores. As palavras destes jovens constroem uma espécie de contra-cartografia urbana, discutida por Kiminami e Sperling (2020), em textos na qual a rua esburacada, a esquina como praça, o cheiro do barro, a ausência de calçamento ou o banco hostil tornam-se símbolos de exclusão e de resistência. As cartas reúnem uma sociologia afetiva do espaço, em que a experiência pessoal se torna matéria de leitura crítica da cidade.

Ainda que a estrutura da seção possa inicialmente parecer fragmentada, ela foi cuidadosamente desenhada a partir de uma metodologia que toma as cartas como eixo de organização narrativa e política, agrupando-as por cidade de origem. Essa escolha metodológica não busca seguir uma linearidade analítica tradicional, mas respeitar o ritmo, o tom e as especificidades de cada território urbano tal como foram escritos pelos jovens. Ao conjugar as cartas por cidade, o texto assume uma forma que espelha a própria heterogeneidade dos espaços urbanos, fazendo da estrutura do artigo uma cartografia afetiva que se constrói por aproximações, lampejos e repetições significativas. O que pode soar como fragmentação, portanto, é resultado deliberado de uma escrita que se alinha à lógica da experiência: descon-tínua, plural e politicamente situada.

A organização por cidades permite que vejamos tanto os padrões comuns de desigualdade e exclusão como as particularidades de cada território: Caruaru e sua urbanização desigual; Belo Jardim entre a música e indústria; São Bento do Una com sua memória sagrada e suas ruas de entulho; e tantas outras — Ribeirão, Pesqueira, Altinho, Tacaimbó, Santa Cruz do Capibaribe, Sairé — que, ainda que com uma só voz, exprimem tensões e afetos plurais. A cidade, aqui, é reescrita

como território de memória e de desejo, como lugar onde o planejamento urbano precisa ser sensível à palavra, ao corpo e ao pertencimento de quem nela vive. Essa reescrita se configura, assim, como gesto de resistência e de reinvenção. As frases dos jovens são expostas preservando anonimidade.

Já ao analisarmos as imagens produzidas pelos jovens, optamos por compreendê-las não como meras ilustrações do que se escreve ou se diz, mas como símbolos que emergem de camadas profundas da experiência urbana. Segundo Jung (2017), a imagem simbólica é uma manifestação do inconsciente e carrega em si múltiplos sentidos, articulando o vivido, o desejado e o reprimido. Nesse sentido, os desenhos que acompanham as cartas devem ser lidos como prolongamentos do gesto epistolar: condensam afetos, memórias e críticas em traços que não buscam representar fielmente a cidade, mas revelar as cidades possíveis — aquelas que já habitam o imaginário dos sujeitos.

A posição dessas imagens no texto segue uma lógica poética e sensível, mais próxima da colagem do que da ordenação cartesiana. Essa escolha busca respeitar o caráter simbólico e espontâneo do material produzido, permitindo que as imagens dialoguem livremente com os textos e com o leitor, compondo uma cartografia afetiva em que o urbano se expressa não pela exatidão, mas pela força da sugestão. Em vez de subordinadas a uma descrição linear, as imagens se tornam pistas visuais, convites à deriva sensível, reforçando o potencial transformador da escrita e do traço como modos de habitar e reinventar a cidade.

3.3.1 CARUARU – “O CENTRO AVANÇA, MAS A MARGEM ESCREVE”

Caruaru, uma das cidades mais conhecidas do Agreste pernambucano, é também uma das mais tensionadas. Sob o slogan do progresso, esconde-se uma paisagem fragmentada entre o crescimento urbano e o esquecimento territorial. O que os mapas oficiais não mostram, os jovens da LiACA revelam com palavras que refletem, lembram e sonham. A cidade que se vê nas cartas é uma Caruaru onde o concreto sobe, mas muitos corpos seguem vulneráveis. O centro avança, mas a margem escreve — e escreve com a força de quem se recusa ver ruim a cultura da Capital do Forró.

3.3.1.1 ONDE A CIDADE FALHA: TERRITÓRIOS ESQUECIDOS, CORPOS ATRAVESSADOS

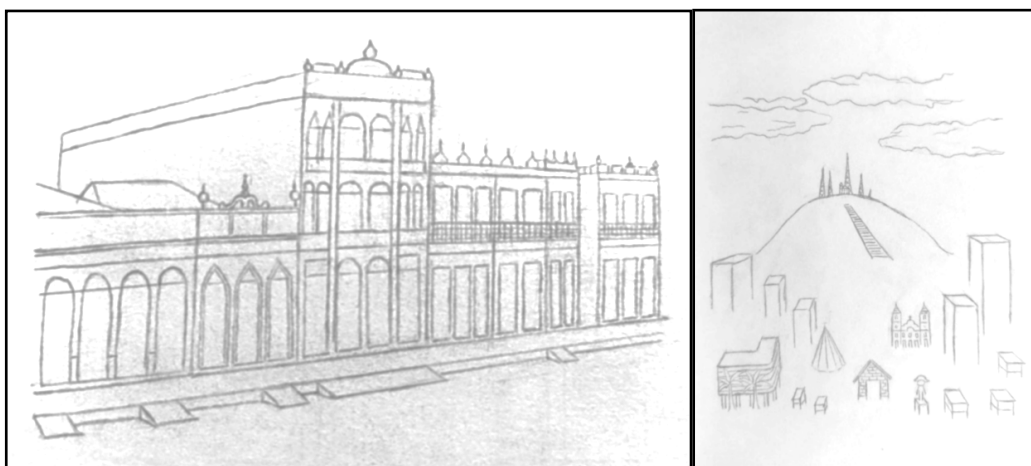
Há lugares em Caruaru que parecem esquecidos até pelo tempo. São ruas nomeadas por quem as habita. Quando chove, o barro se acumula onde faltam

calçadas; quando faz sol, a poeira cobre o silêncio das promessas políticas não cumpridas:

“Moro no bairro do Salgado, e na minha própria rua, por exemplo, há anos enfrentamos um problema recorrente: um cano que estoura com muita frequência [...] basta a primeira chuva para que o transtorno comece novamente.”
— Jovem pesquisador(a)

“Na região onde moro existe uma rua chamada de rua da lata [...] é de difícil passagem em épocas de chuva [...] quanto mais afastado e de menor valor imobiliário, menos cuidado se tem com a região.” — Jovem pesquisador(a)

“Caruaru possui 33 favelas [...] os moradores desses locais realmente desfrutam de uma boa qualidade de vida?” — Jovem pesquisador(a)



Imagens 03 e 04. Rua 15 de Novembro (inspirada em imagem antiga) e Monte Bom Jesus – Caruaru/PE. Autoria: Daniel Queiroz

3.3.1.2 CRESCER COMO? DESENCANTAMENTO COM O PROGRESSO QUE NÃO INCLUI

O avanço urbano, em vez de ser símbolo de inclusão, tem se tornado símbolo de exclusão. A cidade tem braços largos para o mercado, mas passos curtos para alcançar quem mais precisa. As construções crescem como se não houvesse povo, memória ou chão. A expansão privilegia interesses econômicos, abandonando aqueles que não se encaixam nos planos dos empreendedores:

“Você avança, mas avança vazia.” — Jovem pesquisador(a)

“A forma de expansão só traz benefícios a poucos e tira de muitos o seu direito à moradia.” — Jovem pesquisador(a)

“Empresas amigas de Caruaru seguem lucrando com isso [...] destruindo aos poucos o lar de mais de 370 mil caruaruenses.” — Jovem pesquisador(a)

3.3.1.3 A CIDADE QUE MORA NA MEMÓRIA: CULTURA COMO MAPA AFETIVO

Mas Caruaru também vive em outras camadas. Na cultura pulsa uma forma de pertencimento que resiste ao apagamento simbólico. Vive no cheiro do pastel da feira, no barro que molda a memória, no som de uma sanfona que não se escuta nos shoppings, no seu maior e melhor São João do Mundo, mas que ecoa na lembrança das manhãs juninas:

“Tenho na memória as manhãs que ia cedinho à feira da Cohab [...] ouvir o burburinho dos vendedores [...] me fizeram entender a energia pulsante que existe em você.” — Jovem pesquisador(a)

“O barro, tão fundamental para a sua identidade local, já não é lembrado com a mesma relevância.” — Jovem pesquisador(a)

“Caruaru é mãe das mais variadas artes.” — Jovem pesquisador(a)

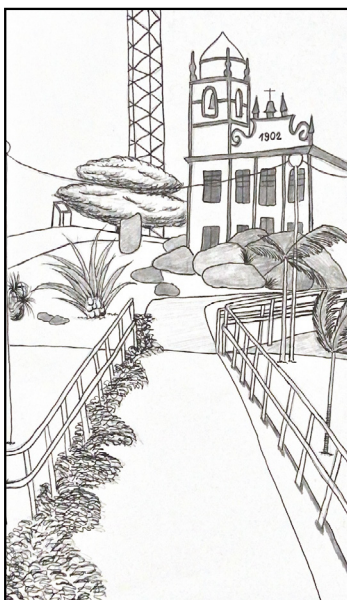


Imagem 05. Igreja Santa Luzia (Monte Bom Jesus) – Caruaru/PE. Autoria: Clara Letícia

3.3.1.4 SONHAR É VERBO URBANO: JUVENTUDES QUE DESEJAM FUTURO

Os jovens de Caruaru não escrevem apenas para denunciar. Escrevem para sonhar e planejar. Planejar pela palavra é um modo de construir urbanismo com afeto e justiça. A escrita aqui é gesto de afeto e de futuro:

“Nunca vou conseguir esquecer de você. Você é parte de quem eu sou.” — Jovem pesquisador(a)

“Quero desenvolver mais sobre esses temas [...] colocando no papel tudo que eu vejo e vi ao longo de 12 anos morando em Caruaru.” — Jovem pesquisador(a)

“Espero que esta carta sirva como um chamado para a reflexão. Que Caruaru continue a crescer, mas sem deixar ninguém para trás.” — Jovem pesquisador(a)

“Sei que ainda há esperança, e ela está em nós.” — Jovem pesquisador(a)

3.3.1.5 CIDADES QUE REPELEM: QUANDO O ESPAÇO EXCLUI EM SILÊNCIO

A exclusão urbana nem sempre grita. O espaço público, quando desenhado com hostilidade, transforma o direito de existir em privilégio. Às vezes, ela se apresenta em detalhes que impedem a permanência e o repouso:

“Os bancos com divisórias no centro da cidade impedem que pessoas em situação de rua descansem [...] tornando o ambiente menos humano e digno.” — Jovem pesquisador(a)

“O espaço sob o viaduto poderia ser mais útil para a comunidade, mas foi preenchido por vasos de plantas.” — Jovem pesquisador(a)

3.3.1.6 O QUE JÁ FOI: PERDA DA MEMÓRIA COMO FERIDA URBANA

Perder a memória é também perder o caminho do cuidado. Caruaru precisa reaprender a contar suas histórias — não como saudade, mas como projeto de cidade. Os fragmentos do passado ainda pulsam, mas à margem da cidade planejada:

“As límpidas águas do Rio Ipojuca também se tornaram memórias.” — Jovem pesquisador(a)

“A praça do Marco Zero [...] sofreu desconstrução ao longo dos anos.” — Jovem pesquisador(a)

“Do trem local, restou somente a estação ferroviária.” — Jovem pesquisador(a)

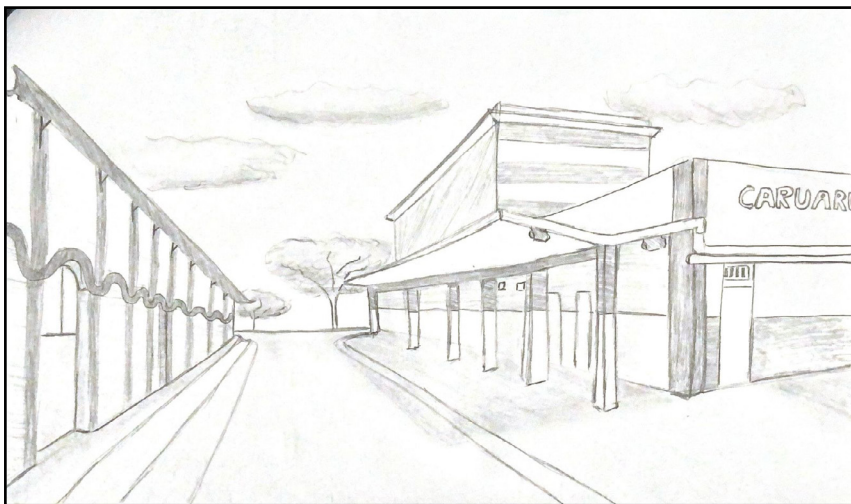


Imagem 07. Estação Ferroviária de Caruaru/PE. Autoria: Clara Letícia

3.3.2. BELO JARDIM – “A CIDADE COMO PARTITURA AFETIVA”

Se Caruaru escreve com o contraste entre centro e margem, Belo Jardim compõe com notas de música e memória. A cidade pulsa entre a beleza prometida no nome e a realidade desigual que molda suas ruas. Para os jovens da LiACA, Belo Jardim é uma partitura afetiva: carrega notas dissonantes, mas também melodias de luta, saudade e esperança. Em suas cartas, o espaço urbano é lido como corpo vivo — ferido pelas omissões, mas ainda vibrante naquilo que resiste a desaparecer.

3.3.2.1 ONDE A CIDADE FALHA: TERRITÓRIOS ESQUECIDOS, CORPOS ATRAVESSADOS

Mesmo com seu nome florido, a beleza ainda não foi compartilhada por todos. É uma cidade em que os rios viraram esgoto como sinal de abandono. A cidade se revela partida: em um lado, as narrativas oficiais de crescimento; no outro, os esgotos que transbordam, as ruas intransitáveis e a ausência de infraestrutura básica:

“Mesmo com todo esse aumento populacional nos últimos anos, a prefeitura não se mobilizou para melhorar o sistema de esgoto da cidade [...] deixando os moradores ilhados em suas casas.” — Jovem pesquisador(a)

“A cidade precisa ainda melhorar muito, muitas ruas ainda precisam de calçamento, bairros ainda esquecidos, áreas sem água e sem energia, povoado passando fome.” — Jovem pesquisador(a)

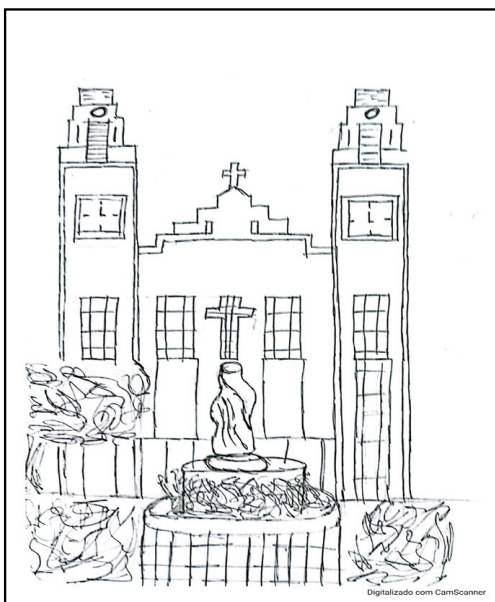


Imagem 08. Igreja Nossa Senhora da Conceição. A autoria: Arthur Pereira.

3.3.2.2 CRESCER COMO? DESENCANTAMENTO COM O PROGRESSO QUE NÃO INCLUI

A promessa de progresso se revela seletiva. O traçado da cidade, em vez de desenhado para o povo, parece ser arquitetado por e para os interesses privados. A expansão urbana se curva aos interesses de quem lucra, enquanto a maioria observa de longe o avanço de obras que não lhes pertencem:

“Existe um crescimento desenfreado no mercado imobiliário da cidade [...] casas de construtoras construídas nas margens do rio Bitury.” — Jovem pesquisador(a)

“As indústrias da cidade possuem bastante influência nas decisões públicas [...] têm liberdade para realizar ajustes no traçado urbano.” — Jovem pesquisador(a)

“Os políticos aceitam certas situações em troca do benefício dos próprios, deixando a população apenas com a ilusão de que essas ‘melhorias’ são realizadas para ela.” — Jovem pesquisador(a)

3.3.2.3 A CIDADE QUE MORA NA MEMÓRIA: CULTURA COMO MAPA AFETIVO

Apesar das falhas na infraestrutura, Belo Jardim abriga uma cultura poderosa que atravessa gerações. Na música, nas rendeiras, na Festa das Marocas, pulsa a cidade que resiste ao apagamento e ao esquecimento. É uma cidade onde a música ecoa como pertencimento e resistência:

“A cidade tem duas escolas de música super importantes [...] a Filarmônica São Sebastião, fundada em 1887, e a Sociedade de Cultura Musical, de 1935.”
— Jovem pesquisador(a)

“Tua cultura é extraordinária! [...] O artesanato também tem um espaço forte, principalmente com as rendeiras.” — Jovem pesquisador(a)

“Belo Jardim é uma cidade repleta de histórias. Sonhos foram realizados, vidas foram vividas e legados foram deixados no decorrer das ruas dessa cidade.” — Jovem pesquisador(a)

3.3.2.4 SONHAR É VERBO URBANO: JUVENTUDES QUE DESEJAM FUTURO

Escrever sobre a cidade é também reescrevê-la no desejo. Ao escrever, os jovens transformam o afeto em projeto, o cotidiano em política e o sonho em ação. Os jovens de Belo Jardim não se rendem ao cinismo: suas cartas são declarações de amor, planos de cuidado e exigências por um futuro melhor:

“Minha eterna gratidão e meu amor por tua cidade. Espero que possamos colaborar e garantir uma urbanização única e estável para todos!” — Jovem pesquisador(a)

“Belo Jardim é uma cidade que possui um potencial enorme [...] mas na maioria das vezes esses primeiros potenciais são deixados de lado pela prefeitura.” — Jovem pesquisador(a)

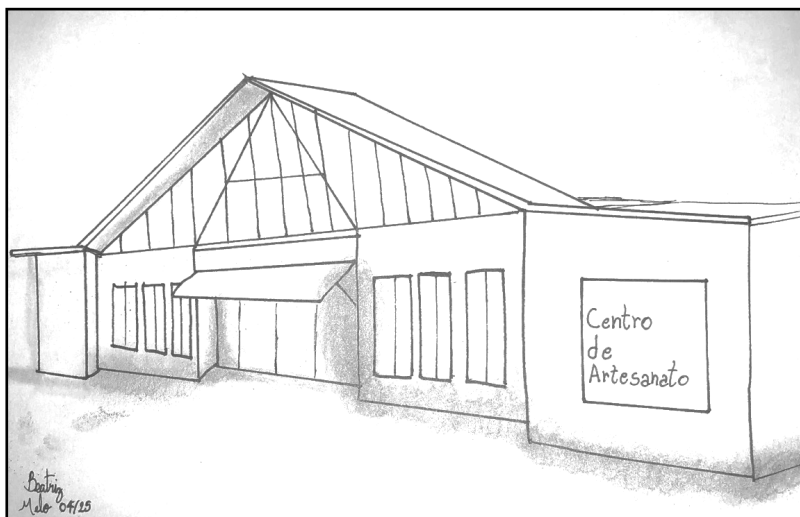


Imagem 09. Centro de Artesanato de Belo Jardim/PE. Autoria: Beatriz Augusta

3.3.2.5 CIDADES QUE REPELEM: QUANDO O ESPAÇO EXCLUI EM SILÊNCIO

O que se apresenta como modernização, muitas vezes, expulsa o brincar, o encontro, a permanência — tudo que faz da cidade um lugar de vida. A exclusão nem sempre é feita de muros: às vezes, ela se insinua nos desenhos urbanos que parecem neutros, mas empurram para longe os corpos que não vendem imagem de progresso:

“A prefeitura permitiu que três restaurantes construíssem extensões dos próprios comércios no calçadão [...] ocupando cerca de 2/3 da área livre da praça.”
— Jovem pesquisador(a)

“Os brinquedos, que antes ocupavam esse espaço com segurança, foram transferidos para a rua na esquina da praça, trazendo risco aos transeuntes.”
— Jovem pesquisador(a)

3.3.2.6 O QUE JÁ FOI: PERDA DA MEMÓRIA COMO FERIDA URBANA

Na história de Belo Jardim também há apagamentos. Recuperar a memória não é nostalgia: é insurgência. É o gesto de lembrar à cidade quem ela é — e quem ela pode voltar a ser, com justiça e cuidado. A memória local, viva nas narrativas populares e nos espaços simbólicos, precisa ser protegida do esquecimento e da omissão institucional:

“Foi preciso pessoas passarem fome, teu dinheiro ser roubado, tuas ruas serem estouradas e teus antigos governadores serem presos para que os teus caminhos fossem glorificados.” – Jovem pesquisador(a)

“No ano seguinte, em 1854, começou a se formar uma feira [...] Primeiro, fizeram um oratório simples. Depois, construíram a capela e a igreja matriz.” – Jovem pesquisador(a)

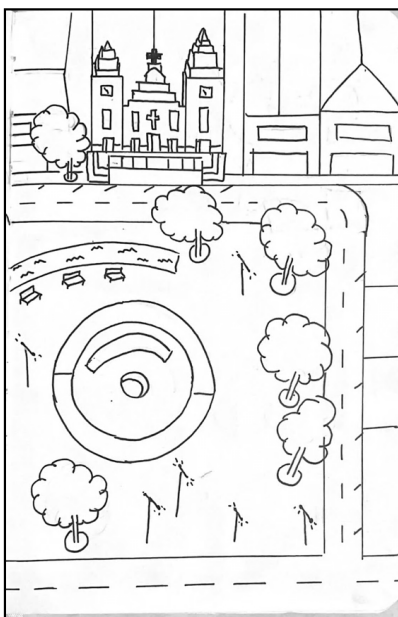


Imagem 10. Praça da Conceição – Belo Jardim/PE. Autoria: Misllenly Fianco

3.3.3. SÃO BENTO DO UNA – “DO BARRO À PROMESSA”

Entre ruas de barro, galinhas e fé, São Bento do Una se escreve nas margens da promessa. A cidade que carrega no nome a ideia de proteção também abriga feridas abertas e uma juventude atenta aos silêncios do poder. Ao narrar sua cidade, os jovens da LiACA constroem pontes entre o passado e o presente, revelando camadas de sentido que a urbanização técnica não alcança. Suas cartas são como procissões de palavras: carregam a história nos ombros e o desejo nos pés.

3.3.3.1 ONDE A CIDADE FALHA: TERRITÓRIOS ESQUECIDOS, CORPOS ATRAVESSADOS

As palavras desenham uma cidade onde a precariedade não é exceção, mas o chão diário de quem vive em seus bairros esquecidos. Apesar da relevância econômica e cultural, São Bento do Una ainda tropeça nos mesmos obstáculos que marcam tantas cidades do interior: esgoto a céu aberto, vias esburacadas, lixo acumulado e um planejamento ausente.

“Muitas ruas e avenidas necessitam de reparos urgentes, incluindo pavimentação e saneamento básico adequado.” — Jovem pesquisador(a)

“A cidade enfrenta um grave problema relacionado ao saneamento, com esgotos estourados que impactam diretamente a qualidade de vida.” — Jovem pesquisador(a)

“A presença de entulhos de obras espalhados, a vegetação excessiva em áreas públicas e o acúmulo de lixo [...] comprometem o bem-estar.” — Jovem pesquisador(a)

3.3.3.2 CRESCER COMO? DESENCANTAMENTO COM O PROGRESSO QUE NÃO INCLUI

A economia de São Bento do Una gira com força: sua produção agrícola e avícola é vital para a região. Mas o que se observa é um distanciamento cruel entre aquilo que se produz e aquilo que se vive. O crescimento não chega à mesa de quem sustenta o nome da cidade. As cartas denunciam: o progresso que não inclui não é progresso. É retórica vazia.

“Movimentando significativamente a economia local e regional, mas os recursos gerados não se traduzem em melhorias equitativas para a população.” — Jovem pesquisador(a)

“Torna-se imprescindível investir na ampliação dos serviços básicos [...] assegurando que São Bento do Una continue a se desenvolver de forma sustentável e equitativa.” — Jovem pesquisador(a)

3.3.3.3 A CIDADE QUE MORA NA MEMÓRIA: CULTURA COMO MAPA AFETIVO

Se os investimentos falham, a memória resiste. Em São Bento do Una, o passado ainda fala — nas promessas feitas aos santos, nas festas de reis, nas narrativas passadas de geração em geração. Essa cultura invisibilizada é, ao mesmo tempo, denúncia e resistência. A cidade existe na fé, na memória e nos detalhes que não cabem nos relatórios de gestão.

“Desde pequenos nos é contada a história de como esse pequeno pedaço do Agreste era infestado de cobras [...] e o povo clamava a São Bento por ajuda.” — Jovem pesquisador(a)

“A Festa de Reis que, quando criança, ansiava o ano todo para os parques e shows de trio.” — Jovem pesquisador(a)

“Temos tanta cultura para mostrar, mas não somos vistos.” — Jovem pesquisador(a)

3.3.3.4 SONHAR É VERBO URBANO: JUVENTUDES QUE DESEJAM FUTURO

Mesmo diante da exclusão, os jovens que escreveram sobre São Bento do Una não desistiram de sonhar. Suas palavras são planos afetivos, desenhos de cidade que desejam respirar justiça e pertencimento. O sonho aqui não é fuga: é planejamento insurgente.

“Só lhe desejo que vejam toda sua história pintada e construída com cada parede, cada rua, cada praça, cada construção histórica.” — Jovem pesquisador(a)

“Somente por meio de ações concretas será possível garantir que nossa cidade prospere.” — Jovem pesquisador(a)

3.3.3.5 CIDADES QUE REPELEM: QUANDO O ESPAÇO EXCLUI EM SILÊNCIO

A exclusão urbana nem sempre se mostra com força bruta. Às vezes, é a omissão que fere. São Bento do Una é uma cidade onde os vestígios da memória precisam disputar espaço com o esquecimento programado. A invisibilidade da cultura e da história local é também um projeto — de silenciamento, de apagamento simbólico, de desvalorização.

“Temos tanta cultura para mostrar, mas não somos vistos.” — Jovem pesquisador(a)

3.3.3.6 O QUE JÁ FOI: PERDA DA MEMÓRIA COMO FERIDA URBANA

A cidade pulsa no que ainda sobrevive da sua história. Padarias antigas, construções esquecidas, nomes que resistem no imaginário coletivo. Mas essa memória, se não cuidada, escorre junto com as águas do esgoto. A memória é também

infraestrutura — simbólica, sensível e estratégica. Quando negada, empobrece a cidade. Quando reconhecida, fortalece o pertencimento.

“Só lhe desejo que vejam toda sua história pintada e construída com cada parede, cada rua, cada praça, cada construção histórica com a padaria Sertaneja.” — Jovem pesquisador(a)

“Sua história remonta a aproximadamente 1825 [...] e desde então São Bento do Una tem se destacado cultural e economicamente.” — Jovem pesquisador(a)

3.3.4 CIDADES DE UMA SÓ VOZ: FRAGMENTOS AFETIVOS E POLÍTICOS DE QUEM OUSOU ESCREVER SUA CIDADE

Nem todas as cidades apareceram com o mesmo destaque ou volume de cartas. Algumas surgem como lampejos — mas ainda assim carregam densidade. São vozes que traçam contornos firmes do urbano vivido. Nestes fragmentos, aparecem seis cidades: Altinho, Ribeirão, Pesqueira, Sairé, Tacaimbó e Santa Cruz do Capibaribe. Suas juventudes revelam desigualdades históricas, apagamentos culturais e desejos potentes de transformação.

3.3.4.1 ONDE A CIDADE FALHA: TERRITÓRIOS ESQUECIDOS, CORPOS ATRAVESSADOS

A infraestrutura precária, os serviços públicos ausentes e a ausência de lazer estruturam o cotidiano de milhares de jovens. São cidades que falham no básico — e isso reverbera no corpo e na experiência dos sujeitos.

“A Vila Nova enfrenta vias degradadas, ausência de áreas de lazer e uma infraestrutura precária, refletindo uma clara desigualdade na distribuição de investimentos.” — Jovem pesquisador(a) (Altinho)

“Pesqueira dispõe de poucas praças com jardins urbanos com pouca manutenção e uma com área destinada ao lazer infantil.” — Jovem pesquisador(a) (Pesqueira)

“Problemas de infraestrutura básicos como falta de água, em especial nos bairros mais afastados do centro, saúde pública extremamente defasada, saneamento básico e transporte público.” — Jovem pesquisador(a) (Ribeirão)

“Enfrenta graves problemas de saneamento básico e drenagem, com alagamentos frequentes durante chuvas.” – Jovem pesquisador(a) (Santa Cruz do Capibaribe)

3.3.4.2 CRESCER COMO? DESENCANTAMENTO COM O PROGRESSO QUE NÃO INCLUI

Mesmo aquelas cidades vistas como “potências” produtivas apresentam rachaduras profundas no pacto urbano. Os benefícios do crescimento não são distribuídos. A desigualdade se atualiza sob o disfarce do desenvolvimento.

“A cidade representa um paradoxo urbano notável: alcançou dinamismo econômico como polo têxtil, mas permanece refém de problemas básicos.” – Jovem pesquisador(a) (Santa Cruz do Capibaribe)

“Tacaimbó está em ritmo desacelerado quando comparado a outros, portanto, esse município é lugar de pouco olhar acadêmico.” – Jovem pesquisador(a) (Tacaimbó)

“O crescimento constante e o surgimento de novos loteamentos em suas extremidades [...] resultaram em desigualdades entre os bairros.” – Jovem pesquisador(a) (Altinho)

3.3.4.3 A CIDADE QUE MORA NA MEMÓRIA: CULTURA COMO MAPA AFETIVO

Mesmo onde falta quase tudo, sobra história. A memória afetiva dos territórios resiste às ausências estruturais. A feira, os casarios, os nomes antigos, os cheiros – tudo isso compõe um urbanismo sensível, resistente e inventivo.

“Lembro-me das feiras de sábado e da expectativa de, junto com minha avó, comer churros e escolher DVDs. [...] O que permanece são as memórias, os cheiros e a atmosfera de um lugar que carrega um passado forte e cheio de promessas.” – Jovem pesquisador(a) (Sairé)

“Tacaimbó se desenvolveu como grande criação de gado. [...] Este que, por um longo tempo, viveu e serviu a grandes senhores de fazendas.” – Jovem pesquisador(a) (Tacaimbó)

3.3.4.4 SONHAR É VERBO URBANO: JUVENTUDES QUE DESEJAM FUTURO

Não se escreve apenas o que dói. Escreve-se também o que se quer. As cartas convocam políticas públicas, novas formas de educação, cuidado com o patrimônio e escuta institucional. Sonhar, aqui, é um verbo político.

“É necessário que os governantes olhem para essas demandas com seriedade e compromisso, promovendo políticas públicas eficazes.” — Jovem pesquisador(a) (Altinho)

“Proponho: (1) incentivo à educação do ensino médio com palestras e prêmios; (2) novas perspectivas de construção profissional; (3) educação flexível para estudantes que trabalham no mercado.” — Jovem pesquisador(a) (Tacaimbó)

“Meus sonhos para Sairé não só estimulam a continuidade das coisas boas, mas também a melhoria de coisas básicas como educação, segurança, transportes.”
— Jovem pesquisador(a) (Sairé)

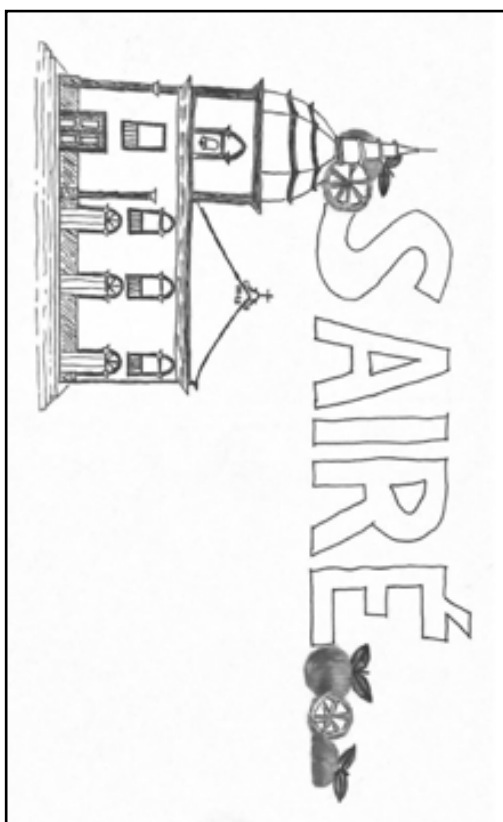


Figura. Sairé, a terra da laranja. Autoria: Alanna Lira.

3.3.4.5 CIDADES QUE EXCLUEM: QUANDO O ESPAÇO AFASTA EM SILÊNCIO

A exclusão urbana também se manifesta nos detalhes invisíveis: a ausência de participação social, o planejamento tecnocrático, a recusa em dialogar com os habitantes.

“A escassez de informações claras e o distanciamento da população nas decisões [...] resultam em um planejamento urbano muitas vezes desarticulado e ineficaz.” — Jovem pesquisador(a) (Pesqueira)

“A baixa participação da população nas decisões sobre planejamento urbano demonstra a falta de políticas que incentivem o engajamento comunitário.” — Jovem pesquisador(a) (Altinho)

“A persistência dos problemas decorre [...] da ausência de priorização política e instrumentos eficazes de gestão urbana.” — Jovem pesquisador(a) (Santa Cruz do Capibaribe)

3.3.4.6 O QUE JÁ FOI: PERDA DA MEMÓRIA COMO FERIDA URBANA

Nessas cidades menores, o tempo também apaga lentamente. Mas há quem resista à invisibilidade. A memória, quando registrada, pode virar gesto de fundação.

“A cidade preserva sua arquitetura do século XIX, com casarios históricos e sítios simples e charmosos.” — Jovem pesquisador(a) (Sairé)

“Mais tarde, com a criação de gado, o lugarejo passou a denominar-se de CURRALINHO.” — Jovem pesquisador(a) (Tacaimbó)

“Altinho é uma cidade rica em história, cultura e aspectos geográficos singulares, mas sua realidade cotidiana é desafiadora para grande parte da população.” — Jovem pesquisador(a) (Altinho)

3.3.5. A CIDADE COMO CORPO EM PALAVRA

Ao longo desta seção, percorremos fragmentos de diferentes cidades do Agreste pernambucano. Em comum, essas cartas revelam um mesmo gesto: escrever é

mapear o vivido. As juventudes que integram a LiACA não escreveram como técnicos: escreveram como quem sente, sofre e deseja transformação. Cada carta é um contra-mapa que desafia os urbanismos oficiais e propõe uma proposição afetiva dos corpos atravessados pela cidade.

Nas palavras desses jovens, o esgoto deixa de ser um dado técnico e vira metáfora de abandono; a ausência de praça deixa de ser estatística e vira ausência de encontro. Os fragmentos se unem em uma constelação de sentidos. E cada cidade, mesmo na dor, encontra um nome próprio. Ao nomearem suas ruas, becos, histórias e saudades, os jovens da LiACA também se nomeiam: sujeitos urbanos, autores de cidade, planejadores afetivos de um Agreste que insiste em florescer.

4. Fecho: fundar a cidade pela palavra

“Se minha cidade não me reconhece, eu a nomeio com minhas palavras. Eu a desenho com minhas memórias. Eu a reinvento com meu afeto.”

As cartas da LiACA não são apenas textos. São territórios. Cada uma delas desenha com palavras o que os mapas silenciam: o trajeto perigoso até a escola, o cheiro do churros na feira, a dor de morar onde não há calçada, o sonho de uma cidade que escute.

Ao longo deste texto, atravessamos fragmentos urbanos e afetivos de nove cidades do Agreste pernambucano pela escrita e pelo desenho. De Caruaru, Belo Jardim, São Bento do Uma, Altinho, Tacaimbó, Ribeirão, Sairé, Pesqueira e Santa Cruz do Capibaribe, os jovens se colocaram como autores da cidade – não como quem observa de fora, mas como quem sente, sofre, sonha e age. Suas palavras não apenas denunciam o que falta; elas anunciam o que pode vir. São contra-cartografias escritas com corpo, memória e coragem, capazes de tensionar os discursos oficiais e propor novas formas de planejar.



Figura. Bonequinha Agrestina. A autoria: Luan Rafael

A LiACA emerge, nesse processo, como mais do que uma liga acadêmica: ela é espaço de escuta, território de formação política e cidadã, campo de afeto e crítica. Aqui, pesquisa é vivência, método é experiência, e juventude é potência. Os estudantes não foram apenas ouvidos: foram lidos, levados a sério, tomados como autores legítimos de conhecimento sobre suas próprias cidades. Assim são autores coletivos do espaço e dos textos.

Porque antes da cidade técnica, há a cidade vivida. E nela, pulsa uma juventude que escreve.

Cada carta escrita é mais do que relato: é um gesto de fundação urbana. Cada frase refaz as margens. Cada vírgula é um convite ao pertencimento. Cada denúncia é também uma pergunta de cuidado: “e se fosse possível uma cidade outra?” O Agreste que emerge dessas vozes é um território em construção – não por retroescavadeiras, mas por afetos e narrativas.

A escrita, aqui, não é só instrumento. É arquitetura de resistência.

É planejamento afetivo.

É urbanismo insurgente.

É cidadania que começa com o gesto de dizer:

“Minha cidade é minha também.”

Fundar a cidade pela palavra é reconhecer que há saber onde há vivência. É afirmar que a juventude do interior não precisa esperar ser chamada à participação: ela já está planejando, escrevendo e recriando o lugar onde vive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Adriana Aparecida de. A memória da cidade como recurso didático para a compreensão dos conceitos de espaço e lugar. *Revista Geografia Ensino & Pesquisa (UFSM)*, Santa Maria, v. 21, n. 2, p. 222–236, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/29328/pdf>. (acesso em 05/04/2025).
- AMORIM, Rafael; OLIVEIRA, Dinah de. A escrita afetiva como método de cartografia do território urbano. Anais do 26º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2017. Disponível em: <https://anpap.org.br/anais/2017/> (acesso em 05/04/2025).
- BACELAR, João. Memória coletiva: entre-lugares, conflitos e virtualidade. In: BACELAR, João et al. (org.). *Memória coletiva: entre-lugares, conflitos e virtualidade*. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 17–34. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2021/04/Memoria-Coletiva-Entre-lugares-conflitos-e-virtualidade.pdf> (acesso em 01/07/2025)
- BATTISTELLI, D. S.; OLIVEIRA, A. S. (2021). Cartas à cidade: escrita epistolar e memória como dispositivo de formação e pesquisa. *Currículo sem Fronteiras*, v. 21, n. 2. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol21iss2articles/battistelli-oliveira.pdf> (acesso em 05/04/2025).
- BORTOLANZA, M.; PASQUALLI, R.; SILVA, A. C. O. da; SALAZAR, D. M. (orgs.). *Juventudes: avanços e conflitos nos direitos pela educação e pelo trabalho*. Passo Fundo, RS: Edição dos Autores, 2024. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/917916/4/Juventudes%20-%20Volume%201%20-%20Livro%20Educapes.pdf> (acesso em 05/04/2025).
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1989. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf. (acesso em 05/04/2025).
- FREITAS, Vanildo Alves de. *Para uma cidade habitar um corpo: proposições de uso do espaço urbano e seus acréscimos na formação do artista cênico*. 2011. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia,

2011. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/12288/1/d.pdf>. (acesso em 05/04/2025).
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.
- HARVEY, David. Espaços de esperança. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. 7ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- HÜNING, Simone Maria; GOMES, Carlysson Alexandre Rangel. A Pesquisa-experiência na Psicologia: Corpos, Afetos e Experiências em Territórios Urbanos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, n. spe 2, e225540, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/n8FP4g6gYMyqtnTmChPZvXD/>. (acesso em 05/04/2025).
- JACQUES, Paola Berenstein. A Pesquisa-experiência na Psicologia: Corpos, Afetos e Espaços Urbanos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, n. spe2, p. 100-111, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/n8FP4g6gYMyqtnTmChPZvXD/?utm_source=chatgpt.com (acesso em 05/04/2025).
- JUNG, Carl Gustav. O homem e seus símbolos. Tradução de Maria Luiza Appy. 17. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2017
- KIMINAMI, Cristina Akemi Goldschmidt; SPERLING, David Moreno. Práticas contracartográficas artísticas e a desestabilização dos mapas. *Oculum Ensaios*, v. 17, e204492, 2020. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=351763475028>. (acesso em 05/04/2025).
- LEFEBVRE, Henri. Direito à cidade. 3ª reimp. São Paulo: Centauro, 2011.
- MARES, Rizia Mendes. A dimensão afetiva na experiência urbana: os sentidos do habitar na cidade contemporânea. *Geografia em Atos*, v. 5, n. 12, 2017. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/6555>. acesso em 05/04/2025).
- MORAES, M. C.; CASTRO, M. L. (2018). Poemas, cartas e diários: por uma escrita acadêmica menos normativa e mais estética sem perder o rigor e a sistematização. *Revista Brasileira de Educação*, 23. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/yk6kZHzRLP7nhyPWHL7TRJC>. acesso em 05/04/2025).
- OLIVEIRA, R. M.; LACERDA, E. D. S. (2020). Escrevendo a cidade: a metodologia das cartas e os fluxos urbanos de jovens de periferias. *Psicologia, Educação e Cultura*, v. 24, n. 2, p. 79–94. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2318-92822020000200007&script=sci_arttext. (acesso em 05/04/2025).
- OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. O recurso da “metodologia de cartas” como forma de compreensão dos fluxos urbanos de jovens contemporâneos. *Psicologia, Ciência e Profissão*, v. 40, n. 2, 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2318-92822020000200007&script=sci_arttext. (acesso em 05/04/2025).

- RODRIGUES, A. Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa. *Sistemas*, 2005. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/9161/3/nobracompletametodologias000121580.pdf>. (acesso em 05/04/2025).
- SILVA, Alan Felipe Dias da; DINIZ, Maria Luisa Consalter; DUARTE, Rovenir Bertola. Um método categórico de sistematização para cartografias digitais afetivas na smart city. *Anais do Seminário Internacional sobre Urbanismo*, 2021. Disponível em: revistes.upc.edu. (acesso em 05/04/2025).
- SOUZA, Carmem Zeli Vargas Gil. Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites. *Última Década*, Viña del Mar, v. 12, n. 20, p. 47–69, jun. 2004. Disponível e: <https://www.scielo.cl/pdf/udecada/v12n20/arto3.pdf> (acesso em 01/07/2025)
- SOUZA, Marcelo Lopes de. *Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010